

A paisagem e a casa: da porta para fora e da porta para dentro

The landscape and the house: from the door out and the door in

Gabriela Gazola Brandão

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo – UFF

gabibrandao@ymail.com

Resumo

Este texto apresenta a casa como desveladora da paisagem, assumindo esta em sua natureza de experiência sensível do ser-no-mundo, não existindo senão em relação. De caráter pré-reflexivo e pertencente à ordem do sentir, a paisagem é experienciada pelo ser-no-mundo com seu corpo físico e sua historicidade, memórias, identidade, dentre outros aspectos que o levam a manifestar-se e relacionar-se com seu mundo-vivido de maneira única. A paisagem a que me refiro é, portanto, uma unidade sensorial que abarca a dimensão existencial do ser-no-mundo. Considerando que experiências são a matéria-prima constituinte do ser-no-mundo, compreendemos que a paisagem também participa dessa construção, além de configurar-se como uma expressão palpável da atuação do ser-no-mundo – há, portanto, uma construção recíproca, da qual a arquitetura e o desenho do tecido urbano são elementos importantes a tocar a dimensão existencial do ser-no-mundo.

Palavras-chave: Paisagem; Casa; Fenomenologia; Arquitetura e Urbanismo.

Abstract

This text presents the house as unveiling of the landscape, assuming this in its nature of sensitive experience of being-in-the-world, existing only in relation. Pre-reflective and pertaining to the order of feeling, the landscape is experienced by being-in-the-world with his physical body and his historicity, memories, identity, among other aspects that make he manifest and relate to his world-lived in a unique way. The landscape I am referring to is therefore a sensory unity that embraces the existential dimension of being-in-the-world. Considering that experiences are the raw material constituting the being-in-the-world, we understand that the landscape also participates in this construction, in addition to being configured as a palpable expression of the being-in-the-world performance - there is, therefore, a reciprocal construction, of which the architecture and the urban design are important elements to touch the existential dimension of being-in-the-world.

Keywords: Landscape; House; Phenomenology; Architecture and Urbanism.

Introdução

O presente texto se constitui uma abertura para a discussão que venho desenvolvendo sobre a casa como potencial desveladora da paisagem a partir de duas frentes de análise – da porta para fora e da porta para dentro. Ou seja, não apenas a tipologia e elementos externos à edificação depõem a respeito de qual paisagem é contexto para a casa, mas também elementos internos, tais como a função e a distribuição dos ambientes.

A partir do diálogo ente autores cujas reflexões apoiam o aporte teórico-conceitual desta pesquisa, delineei inicialmente o conceito de paisagem ao qual me refiro ao desenvolver esta análise. Em seguida, é apresentada a referida discussão acerca da casa e da paisagem. Esta, compreendida como participante da constituição do ser-no-mundo e expressão palpável de sua existência, havendo, portanto, construção recíproca, da qual a arquitetura e o desenho do tecido urbano são elementos importantes a tocar a dimensão existencial do ser-no-mundo.

Paisagem: sensível experiência

Faz-se relevante uma ressalva introdutória quando se trata de paisagem, termo diversamente empregado em suas significações, motivo pelo qual requer certo balizamento. Não vou me ater neste texto a uma revisão bibliográfica do conceito e de suas variadas apropriações teóricas; há diversos estudos concluídos neste sentido. O conceito de paisagem a que me refiro é oriundo das reflexões da geografia humanista e possui bases fenomenológicas, a partir das quais a paisagem é compreendida como experiência do ser-no-mundo, ou seja, a paisagem não é um suporte físico inerte a ser apreciado nem apenas o que se pode abarcar com o olhar.

Assim como todo fenômeno, a paisagem não acontece em si e nem no ser-no-mundo, mas no encontro entre ambos – ela é na interação, não existindo senão em relação. Por esse motivo, a paisagem, como bem exploraram Maurice Ronai (1977) e Donald W. Meinig (2002), pode ser considerada de inúmeras maneiras diferentes, tantos quantos forem os “olhos que a observem” – em alusão ao título do texto referido de Meinig. Olhamos com os olhos de nossa cultura, de nossa historicidade, de nossa visão de mundo, que, para Tuan (1980), “[...] é a experiência contextualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte

social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra SISTEMA implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva).” (TUAN apud HOLZER, 2016). Paisagens “[...] adquirem significado somente a partir de associações [...]. [...] qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.” (MEINIG, 2002, p.35).

De fato, paisagem é na experiência. “A paisagem não existe a não ser para o grupo humano e para o homem, em particular através da relação fenomenológica entre o eu e o meio.” (Bailly, Raffestin e Reymond, 1980, p.278 apud HOLZER, 1998, p.65).

Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, o barão de Humboldt, enunciou, no contexto de seu pensamento holístico, de totalidade, que a paisagem é o elemento agregador capaz de deixar-nos entrever a unidade ali presente. A paisagem implica a noção de conjunto, ao qual pertencem elementos físicos, humanos (incluídos os sociais e culturais), temporais e sinestésicos. Para o geógrafo francês Eric Dardel (2011) a paisagem se constitui como um conjunto: uma convergência, um momento vivido, em que uma ligação interna, uma “impressão”, une todos os elementos. Esta “impressão” não se limita a um ato contemplativo. Dardel (2011) afirma que “[...] a paisagem não é, em sua essência, composta pelo que é visto, mas inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social”. (DARDEL, 2011, p. 32).

Acerca do entendimento da paisagem como manifestação do humano, Besse (2000 apud BARTALINI, 2017) indaga e conclui: “O que pode significar a paisagem nesta perspectiva renovada? Ela é compreendida menos como um objeto do que como [...] um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana [...]”. (BESSE, 2000 apud BARTALINI, 2017, p.47). Segundo ele, paisagem é “[...] uma dimensão pré-reflexiva, é o mundo do sensível, uma espécie de ancoradouro do humano”. (BESSE, 2000 apud BARTALINI, p. 2017, p.47). Ou, como pontuou Bartalini (2017), “[...] paisagem só é possível no horizonte de uma relação íntima e primária, anterior à racionalização”. (BARTALINI, 2017, p. 49).

Assumindo paisagem como unidade e como fenômeno da ordem do sentir mais do que do intelecto, qual seria, então, seu elemento agregador? Debruçando-se sobre a questão da paisagem, o filósofo alemão George Simmel (2009), afirma que há, na paisagem, um “peculiar processo espiritual” (SIMMEL, 2009, p.5) em que se reconhece uma parcela de

chão e o que ele comporta como unidade composta por elementos palpáveis e não palpáveis. A unidade suscitada pela paisagem é muito além da soma de objetos: “Quando realmente vemos uma paisagem, e já não uma soma de objectos naturais, temos uma obra de arte *in statu nascendi*.” (SIMMEL, 2009, p.11). E o agregador desta unidade, segundo Simmel (2009), é o *stimmung*, termo alemão que pode ser entendido como “disposição anímica da paisagem” (SIMMEL, 2009, p. 13), algo entre “atmosfera” e “estado de alma” ((BARTALINI, 2013, p.41, nota 4), como um aroma próprio que perpassa e agrega. É resultado de uma conjunção peculiar e singular, é a “[...] disposição justamente desta paisagem e nunca pode ser a de qualquer outra, embora ambas se possam, porventura, abranger no conceito geral, por exemplo, de melancólico.” (SIMMEL, 2009, p.16). Ou seja, não se trata de uma qualificação definida pelo intelecto associando-a a uma ou outra emoção. O *stimmung* não é intelectualmente apreendido, pertence à ordem pré-reflexiva do sentir. Nas palavras do autor,

O suporte mais relevante desta unidade é, sem dúvida, o que se rotula de disposição anímica (*Stimmung*) da paisagem. Pois, assim como por disposição anímica de um homem entendemos o elemento unitário que colora constantemente ou só no momento presente a totalidade dos seus conteúdos psíquicos singulares, em si mesmo nada de individual, muitas vezes nem sequer apenso a um elemento particular referível, mas é todavia o universal onde agora se reúnem todas estas singularidades - assim também a disposição anímica da paisagem penetra todos os seus elementos particulares, sem que, muitas vezes, nela se consiga fazer sobressair um só; cada qual, de um modo dificilmente designável, tem nela parte - mas ela nem subsiste fora destes contributos nem deles é composta. (SIMMEL, 2009, p.13-14).

Simmel (2009) esclarece de onde brota o *stimmung* fazendo uma analogia com o poema lírico. Ainda que não se detecte nas palavras isoladas do poema o sentimento, ele está presente no poema, independente do humor de quem o lê ou o ouve. O espírito que conferiu ao poema o sentimento, nele está presente de modo indissociável. Analogamente ocorreria com o *stimmung* da paisagem, constituindo-se no ato de fusão dos elementos (palpáveis e não palpáveis) em paisagem. Seria como “[...] o envolver desta paisagem, isto é, a configuração unitária de todos os seus elementos individuais, como um só e mesmo acto, como se as múltiplas energias da nossa alma, as contemplativas e as afectivas, cada qual na sua tonalidade, proferissem em unísono uma só e mesma palavra.” (SIMMEL, 2009, p.17).

Por ser a paisagem uma experiência, há dois pontos a serem destacados. Primeiro: experiências não são fenômenos exclusivos ao sentido da visão, havendo, portanto, paisagens referidas como olfativas, sonoras, táteis, e, por que não, gustativas, para nos referirmos a um atributo que se sobressaia em determinada paisagem. Embora de caráter pré-reflexivo, antepredicativo, a paisagem pode ser posteriormente adjetivada, como nos exemplos apresentados na frase anterior. Porém, uma paisagem não se restringe a uma única natureza de experiência, ela é um conjunto sensorial, pois é experienciada pelo ser-no-mundo, que possui um corpo físico dotado, em geral, de cinco sentidos – e possui, também, sua historicidade, memórias, identidade, dentre outros aspectos que o levam a manifestar-se e relacionar-se com seu mundo-vivido de maneira única, o que nos permite apontar que a paisagem é muito além de um conjunto sensorial, abarcando a dimensão existencial. Segundo ponto: experiências são a matéria-prima para a construção do ser-no-mundo, isto é, compreendemo-nos e compreendemos nosso mundo-vivido a partir de nossas experiências. Portanto, a paisagem é, também, participante da construção do ser-no-mundo.

Paisagem e ser-no-mundo: recíproca construção

Relevantes para o entendimento de tal construção, são os conceitos de paisagem-marca (*paysage-empreinte*) e de paisagem-matriz (*paysage-matrice*), criados por Augustin Berque (1984). “Para ele”, explica Holzer (1998), “paisagem é marca porque exprime uma civilização e é matriz porque participa dos esquemas de percepção, concepção e ação”. (HOLZER, 1998, p.67). Em sua investigação empírica destes conceitos na paisagem japonesa, Pelletier definiu-as de maneira sucinta: “[...] paisagem-marca ou paisagem-produto é o resultado da intervenção humana no ambiente (está associado ao protótipo); paisagem-matriz ou paisagem-substância é a herança desta paisagem, o produto nas mentes e nas estruturas espaciais (associada ao arquétipo).” (HOLZER, 1998, p.67). A paisagem como marca e como matriz canaliza, “[...] em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno.” (BERQUE, 1984, p.33 apud HOLZER, 2004, p.57).

Estes conceitos destacam a ação do ser-no-mundo como impressa na paisagem, e a paisagem como matéria-prima para a constituição do ser-no-mundo. Trata-se de uma

construção recíproca. Antecedendo qualquer predicativo, a paisagem espelha o ser-no-mundo e o constitui. Ela não apenas testemunha suas manifestações e expressões como torna-se, ela própria, tais expressões, conformando-se a partir de elementos criados ou modificados pelo ser-no-mundo. Assim, a paisagem faz-se espelho para o ser-no-mundo, refletindo suas expressões e manifestações por meio dos elementos palpáveis por ele alterados e pelo seu modo singular de perceber a própria paisagem.

Este imbricado constructo entre ser-no-mundo e paisagem remete à etimologia da palavra e às significações do vocábulo *pays*, do idioma francês, do qual derivou, “[...] empregado na Europa há pelo menos 1.500 anos, significando tanto um indivíduo relacionado com seu lugar de origem como uma porção do território numa circunscrição determinada.” (JEANNINE, 2011, p.1). Esta definição atesta tanto a polissemia do termo como a relação envolvida para sua fundamentação, a correspondência direta entre o ser humano e o lugar habitado. Fato ilustrado pela prática tradicional dos franceses de compor os nomes das pessoas em referência à sua região habitada.

No século XVII o vocábulo em foco caracterizava subdivisões das *villes* francesas, ao mesmo tempo em que designava também, num sentido familiar, pessoas nascidas em um mesmo *pays*, em contexto rural. No XVIII, o vocábulo passa a integrar a terminologia científica do período. Assim, o termo passa a designar extensões territoriais antigas, formadas por elementos pedológicos distinguíveis, como *pays à craie*. Passada a revolução francesa, d’Omalius recomenda aos geógrafos que determinem as regiões naturais, fundadas sobre a natureza do solo, e que lhes devia atribuir os nomes antigos de *pays* correspondentes. Este mesmo sentido do termo será empregado por La Blache no final do XIX. (JEANNINE, 2011, p.1).

Em sua pesquisa sobre as raízes do vocábulo *pays*, Jeannine (2011) registra tê-lo encontrado empregado também para abarcar a localidade e sua historicidade, “[...] fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, acerca, num primeiro momento, de alguma característica física do lugar, influência dos estudos geológicos”. (JEANNINE, 2011, p.5).

Evidencia-se “[...] uma das marcas da geografia francesa ao enfatizar a ancestralidade do homem na terra, criada por meio de um longo processo de transformação da natureza.” (JEANNINE, 2011, p.5). É o que permeia a seguinte declaração de Paul Vidal

de La Blache (1904), na qual deixa clara a importância fundamental da “natureza humana” na formação e aplicação do termo:

Esta antiga palavra, frequentemente repetida em sua acepção popular (...) tem, no pensamento daqueles que a empregam, uma significação que poderíamos chamar de social, ela exprime um gênero de vida a uma zona determinada. Se o povo francês conhece certos *pays*, se sabem distingui-los e se guardam uma impressão bastante durável para que essas denominações, todas populares, se perpetuam sem serem consagradas pelas divisões administrativas ou oficiais. É que esses nomes se associam ao seu espírito, aos modos de construir suas casas, de se alimentar, de se vestir, de falar, aos modos de vida associados a uma palavra que são para eles inseparáveis (VIDAL DE LA BLACHE apud JEANNINE, 2011, p.8).

Intimidade presente também no ecúmeno, conceito apresentado por Berque (2000 apud HOLZER, 2004,) como a relação da humanidade com a extensão terrestre caracterizada por “[...] uma impregnação recíproca do lugar e do que se descobre: no ecúmeno, o lugar e a coisa participam um do outro”. (BERQUE apud HOLZER, 2004, p. 62).

Há, na essência da paisagem, um entrelace fundamental entre as constituições do ser-no-mundo e do espaço por ele habitado. Ou, como afirmou Berque (2001 apud HOLZER, 2004), “[...] a paisagem ilustra exemplarmente esta relação cosmogênica” (BERQUE apud HOLZER, 2004, p.62), constituindo-se como “[...] uma fusão cósmica do homem e do universo” (BERQUE, 1989, p.19 apud HOLZER, 2004, p.58).

A paisagem é, portanto, expressão da relação entre ser-no-mundo e ambiente em uma dimensão bem mais profunda do que a materialidade. Assim, constitui-se um depósito imensamente rico em dados sobre as pessoas e a sociedade que a criaram, mas esses dados devem ser colocados no contexto histórico apropriado se o desejo é que sejam interpretados corretamente. (MEINING, 2002). Holzer (1998, p. 64-65) destaca que Bailly, Raffestin e Reymond (1980) “[...] também definiram a paisagem como um depósito de história, um produto da ‘prática’ entre indivíduos e da realidade material com a qual nos confrontamos”. O habitat é modificado e reinterpretado a cada mudança de hábito (HOLZER, 1998), o qual, juntamente com a cultura, envolve atitudes e preferências que podem ser inventadas ou adquiridas (SAUER, 1938b apud HOLZER, 1998).

A partir destas reflexões, vislumbramos o fator tempo impregnado na paisagem, permitindo-nos concebê-la como uma narrativa processual e em processo ela mesma, um devir.

As possibilidades de interação a que o ser-no-mundo é convidado são distintas entre si conforme o ambiente em que se situe. Tais interações são ações e expressões cujos resultantes imprimem-se naquele espaço geográfico, e têm participação no habitar. Em reciprocidade, portanto, dá-se a construção da paisagem e do ser-no-mundo – que acontece cotidianamente, conforme habitamos. É útil remeter-me aqui à ideia de habitar expressa pelo filósofo alemão Martin Heidegger (2012), que congrega em si a relação existencial entre o ser humano e os espaços, isto é, o ser-no-mundo. De acordo com Heidegger (2012), o habitar é nossa condição humana na Terra, um constante construir no sentido de cultivar, de edificar vínculos, apropriando-se do mundo-vivido. O habitar é compreendido como uma totalidade, para a qual convergem diversos aspectos das experiências humanas com/nos espaços. O habitar abarca as experiências do ser-no-mundo e a diversidade de paisagens o convidam a interações distintas, como as relações favorecidas por determinada paisagem implicam no mundo-vivido? Indagação que pode desdobrar-se em outras tais como: Quais as dinâmicas do cotidiano das pessoas que ali habitam? Qual a natureza das possibilidades para ações triviais como deslocar-se todos os dias para o trabalho ou para comprar algo? Onde e como se dão os encontros e os desencontros? Como acontece o relacionar-se dessas pessoas com o espaço vivido, com a paisagem, com as outras pessoas? De que são permeadas essas experiências?

Casa e paisagem: da porta para fora, da porta para dentro

Considerando que a arquitetura e o desenho do tecido urbano são expressões palpáveis da interação entre ser-no-mundo e paisagem, assumindo a reciprocidade do ato de construirmos a paisagem nela atuando e por ela sermos construídos em nossa dimensão existencial, proponho direcionarmos nossa atenção para a casa, participante da paisagem e nosso primeiro espaço existencial (NORBERG-SCHULZ, 1976), nosso canto no mundo (BACHELARD, 1978). A dimensão existencial da casa é uma discussão que me interessa, porém não será aqui desenvolvida por não ser o objetivo deste artigo. Interessa-me, por hora, apontar este seu aspecto essencial e sua participação na paisagem.

Como vimos acerca da paisagem, também a casa e quem a habita se entrelaçam em suas constituições. A casa, no entanto, é expressão de quem a habita, um pequeno grupo humano ou, por vezes, um único ser-no-mundo, enquanto que a paisagem é repositório das expressões de grupos humanos mais numerosos. Sendo o ser-no-mundo construído também pela paisagem, muitas de suas expressões e manifestações são dela embebidas. Assim, a casa possui em si leituras singulares da paisagem que, apesar de serem únicas, carregam características que a permeiam apresentando-se disponíveis para outros seres-no-mundo. É o caso de elementos palpáveis como a vegetação, por exemplo, e não palpáveis, como o clima e o *stimmung*.

Desenha-se a questão fundamental desta reflexão: o que a arquitetura revela sobre a paisagem? Proponho que a casa desvela a paisagem a partir de duas frentes de análise: da porta para fora e da porta para dentro.

Da porta para fora, a paisagem é revelada pela arquitetura por meio da tipologia das casas: formas, telhados, tamanho e posição das aberturas, disposição no terreno, e a própria configuração do tecido urbano, dentre outros aspectos. Para Tuan (2013), “A arquitetura é uma continuação do esforço humano para aumentar o conhecimento por meio da criação de um mundo tangível que articula as experiências, tanto as sentidas profundamente como aquelas que podem ser verbalizadas, tanto as individuais como as coletivas”. (TUAN, 2013, p. 126). Langer (apud TUAN, 2013) descreve que “O arquiteto cria uma imagem da cultura: um meio ambiente humano presente fisicamente, que expressa os típicos padrões funcionais rítmicos”. (LANGER apud TUAN, 2013, p. 203). Tais padrões “[...] são a movimentação do pessoal e a vida social. São dinâmicos e extremamente complexos. É quase impossível especificá-los em detalhe e mapeá-los. Um arquiteto tem uma apreensão intuitiva, uma compreensão tácita, dos ritmos da cultura, e procura dar-lhes forma simbólica” (TUAN, 2013, p.203). A arquitetura bem-sucedida “cria a aparência daquele Mundo que é a contraparte do Eu.” (LANGER apud TUAN, 2013, p.203). “Para o ‘eu’ individual, esse mundo é a casa; para o ‘eu’ coletivo, é um ambiente público como o templo, o paço municipal ou o centro cívico.” (TUAN, 2013, p.203).

Ao recuperar as reflexões de Heidegger acerca da quadratura e suas relações com o habitar, o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa (2013) retoma o exemplo do templo grego, que, “[...] subconscientemente organiza o mundo das experiências, ressalta as características

da paisagem e cria as hierarquias entre a terra e o céu, os mortais e os deuses”. Explica o autor que a materialidade do templo “[...] torna visível as características do contexto, que sem ele seriam invisíveis” (PALLASMAA, 2013, p.122):

O lustro e brilho da pedra, embora por si próprios aparentemente surjam apenas graças ao sol, ainda assim trazem à luz a luz do dia, a amplitude do céu, a escuridão da noite. A forte verticalidade do templo torna visível o espaço invisível do ar. A estabilidade da obra contrasta com a rebentação das ondas, e seu próprio repouso ressalta a fúria do mar. (HEIDEGGER, 1975, p.42 *apud* PALLASMAA, 2013, p.122).

Podemos recordar-nos da casa camponesa típica da Floresta Negra descrita por Heidegger (2012) construída “[...] na encosta da montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. [...] a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger os cômodos contra as longas tormentas da noite de inverno”. (HEIDEGGER, 2012, p. 139). Além de resguardar a quadratura (HEIDEGGER, 2012), esta arquitetura evidencia a paisagem em que se situa, permitindo-nos, inclusive, tecer sua imagem mental sinestésica, provida de elementos visuais e até táteis (podemos sentir a temperatura do lugar) da paisagem em questão.

Da porta para dentro, a paisagem é revelada pela arquitetura a partir da dimensão e distribuição dos cômodos, do tipo de mobiliário, dos materiais de piso e de revestimentos, dos utensílios ali dispostos, dentre outros.

A sala de jantar, lima sala com gobelins, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá para a rua Rodríguez Pena. Somente um corredor com sua maciça porta de mogno isolava essa parte da ala dianteira onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos e o salão central, com o qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um corredor de azulejos de Maiorca, e a porta cancela ficava na entrada do salão. De forma que as pessoas entravam pelo corredor, abriam a cancela e passavam para o salão; havia aos lados as portas dos nossos quartos, e na frente o corredor que levava para a parte mais afastada; avançando pelo corredor atravessava-se a porta de mogno e um pouco mais além começava o outro lado da casa, também se podia girar à esquerda justamente antes da porta e seguir pelo corredor mais estreito que levava para a cozinha e para o banheiro. (CORTAZAR, 1971, p.4).

A descrição do interior de uma casa é capaz de fornecer pistas que possibilitam ao leitor concluir, ou, no mínimo, supor, a que tipo de paisagem ela pertence. O mesmo ocorre ao olharmos uma imagem, um registro fotográfico, por exemplo.



Figura 1. Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 2. Fonte: Arquivo pessoal da autora



Figura 3 e Figura 4. Fonte: Arquivo pessoal da autora

Observando nas imagens acima, alguns dos elementos que compõem o interior da casa registrada, o leitor arriscaria um palpite sobre a que paisagem ela pertence? Seria uma paisagem litorânea ou montanhosa? Em um solo arenoso ou terroso? Seria o clima predominantemente quente ou frio? Qual seria o tipo predominante de vegetação, da tipologia externa das casas? Haveria algo a dizer sobre a atividade principal de subsistência ligada à Terra? E sobre a cultura ou os hábitos? – os quais, como vimos, influenciam diretamente na conformação da paisagem. Entendo que sim, conforme escrevi anteriormente: a casa, também da porta para dentro, revela a paisagem.

Isso torna-se mais evidente na arquitetura vernacular. A arquitetura vernacular expressa muito sobre a relação de um povo com seu lugar e sua paisagem. Além de expressar o modo como ali se habita, ela evidencia, por meio dos materiais e sistemas construtivos empregados, alguns dos elementos naturais disponíveis e predominantes em seu entorno, bem como a ação dos ventos, chuvas, insolação, relevo, clima, flora e fauna – descrição que recupera as discussões anteriores sobre a quadratura (HEIDEGGER, 2012) e sobre *pays* (JEANNINE, 2011).

A arquitetura vernácula possui traços essenciais – um invariante – próprios à cada paisagem, isto é, definidos a partir de cada conjunto de relações estimulado, favorecido, evidenciado por cada ambiência natural. Por este motivo ela é potencialmente desveladora da paisagem, seja da porta para dentro, seja da porta para fora. Embora isso aconteça em outra medida na arquitetura contemporânea, esta também é capaz de desvelar a paisagem, sobretudo ao se permitir ser permeada pela sabedoria da arquitetura vernacular. O que acontece desde a etapa da concepção do projeto arquitetônico quando o arquiteto assume como diretriz primeira a dimensão humana da arquitetura que, invariavelmente, está atrelada à sua experiência íntima na Terra. Entendo, portanto, a arquitetura vernacular como uma arquitetura essencial, da ordem das essências, que, ao permear nossa contemporânea arquitetura, oferece a ela desvelar a paisagem, da porta para fora e da porta para dentro.

Considerações finais

A breve discussão sobre paisagem aqui apresentada e, sobretudo, a proposta de estudar a casa como potencial desveladora da paisagem a partir de duas frentes de análise – da porta para fora e da porta para dentro – constituem-se em aberturas para próximas reflexões. Um dos caminhos vislumbrados é a arquitetura vernacular que, como já mencionado, considero uma arquitetura essencial, capaz de guiar-nos, portanto, na tessitura do elo entre o ser-no-mundo, a casa e a paisagem.

Referências

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: PESSANHA, José Américo Motta. (Org.). *Os Pensadores – Bachelard*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (p.181-349).

BARTALINI, Vladimir. Natureza, paisagem e cidade. *Pós*, São Paulo, v.20, n.33, p. 36-48, junho 2013.

BARTALINI, Vania. Natureza, espaço e paisagem como construções humanas. *Paisagem Ambiente: Ensaio*, São Paulo, n.39, p. 43-49, 2017.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matric; éléments de problématique pour une géographie culturelle. *L'espace géographique*. 8 (1) : 33-34, 1984.

CORTÁZAR, Julio. *Bestiário*. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura, 1971.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista – sua trajetória de 1950-1990*. Londrina: Eduel, 2016.

HOLZER, Werther. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. (Tese de doutorado - Departamento de Geografia/Universidade de São Paulo). São Paulo: 1998. 257p.

HOLZER, Werther. *Augustin Berque: um trajeto pela paisagem*. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n.17-18, p. 55-63, janeiro/dezembro 2004.

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA, Eduardo; et al. (Orgs.). *“Qual o espaço do lugar?”*. São Paulo: Perspectiva, 2012. (p.281-304).

JEANNINE ANDRADE CARNEIRO, João Paulo. *O conceito de pays e sua discussão na geografia francesa do XIX*. Revista Geográfica de América Central, EGAL - Costa Rica, número Especial, p. 1-13, segundo semestre 2011.

MEINIG, Donald W. *O olho que observa: dez versões da mesma cena*. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, 2002.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture*. New York: Rizzoli, 1976.

PALLASMAA, Juhani. *A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PELLETIER, Philippe. Prototypes et archétypes paysagers au Japon: l'exemple du bassin de Nara. L'espace géographique. 16 (2) : 81-93, 1987.

RONAI, Maurice. Paysages II. *Hérodote*, n.7, p.71-91, 1977.

SIMMEL, George. *A filosofia da paisagem*. Covilhã: LusoSofia:press, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Les pays de France. In: La Réforme sociale. Paris, set. 1904. pp. 333